

Devastação

Cristina Drummond

A interrogação sobre o gozo feminino foi o que conduziu Lacan às formulações do seu último ensino. Essa questão, que já aparecia de uma maneira pouco clara no ensino de Freud, sobretudo quando ele trata do masoquismo e da passividade como índices do feminino, vai se explicitando, no ensino de Lacan, com o conceito de real, do não todo fálico.

Quando falamos de uma mulher devastada, vários exemplos de mulheres nos vêm à cabeça, alguns onde a devastação é um traço da relação entre mãe e filha e em outros nos quais ela é um traço da vida amorosa da mulher. A psicanalista Marie-Magdeleine Lessana¹, para nos introduzir nessa questão, partiu de alguns casos que conhecemos bem, pois são apresentados muitas vezes na literatura psicanalítica, e nos quais podemos observar que a relação entre a mãe e a filha é devastadora.

O primeiro de seus exemplos é o de Madame Sévigné, famosa escritora de cartas do século XVII. A relação entre ela e sua filha, como atestam suas cartas, era baseada numa exigência de amor plena por parte da mãe. Apesar da certeza de uma reciprocidade em seu amor, essas duas mulheres serão torturadas por mal-entendidos e acusações que vão chegar à morte de filhos e doenças. Ambas só poderão viver separadas.

Outro exemplo é o de Maria Riva, filha de Marlene Dietrich. Ela e seu pai passam a vida servindo de suporte para o sucesso da imagem de artista de sua mãe. Maria é a filha fascinada pela imagem fálica e feminina da mãe.

Camille Claudel é uma outra ilustração de uma vida na qual, apesar de ter seu talento artístico incentivado pelo

pai, se vê hostilizada pela mãe. Sua relação com Rodin se mostra devastadora em sua impossibilidade de ser legitimada, assim como os filhos que dela decorrem, tornando-se depois persecutória. Suas cartas escritas no hospício atestam uma demanda desesperada endereçada à sua mãe, sem, no entanto, encontrar qualquer resposta.

A personagem de Marguerite Duras, Lol V. Stein, também foi tomada na psicanálise, por Lacan, como modelo de devastação, aqui com suas consequências de deslumbramento e efeitos sobre o corpo. Posteriormente, o fazer um corpo a três foi tomado como uma solução que evidenciava um tratamento possível do gozo devastador na psicose.

O caso de Marguerite Anzieu, a Aimée da tese de Lacan, também ilustra uma relação em que a filha ocupa para sua mãe o lugar de uma filha morta, queimada aos cinco anos. Sua educação é confiada à irmã mais velha, da qual ela tenta se emancipar ao se casar. Mais tarde, essa irmã viúva e estéril irá morar com ela. Quando Marguerite engravida, é invadida por ideias delirantes de perseguição que irão piorar com a morte desse filho. O que vemos é uma mulher que não se desprende da posição que ocupou frente a seu Outro mau, encarnado inicialmente por sua mãe e, em seguida, pela irmã. Ela tenta, aos trinta e oito anos, matar a outra que a representa e, ao mesmo tempo, encarna o seu ideal de ser uma mulher conhecida.

O último exemplo do livro é o das irmãs Papin ao qual Lacan também se dedica, e que tinham uma relação bastante submetida à mãe. Após seu crime, Christine se encontra numa crise psicótica exigindo a presença da irmã. Quanto a Léa, esta parecia estar mais numa posição subjetiva de submissão à irmã que a dominava completamente. Quando vai para a prisão, ela fica separada da posição delirante da irmã, o que permite que se pacifique, não apresentando então qualquer fenômeno que indicasse uma psicose.

Como vemos os exemplos de devastação não se equivalem e não encontramos a mesma estrutura nessas diferentes mulheres. Como diz Miller, "as devastações, não podemos classificá-las"². Por que aproximá-las e em quê a questão da devastação poderia nos esclarecer sobre suas posições subjetivas?

A devastação como efeito da relação entre mãe e filha

O termo *ravage* aparece em *L'Étourdit* de Lacan que data de 73. Esse é o texto onde Lacan apresenta suas fórmulas da sexuação que evidenciam uma mudança de lógica no seu tratamento da questão da relação do sujeito com o real sexual. Ele usa o termo para qualificar a relação de uma mulher com sua mãe, dizendo o seguinte: "a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, por ser a castração nela a situação inicial (Freud *dixit*), contrasta dolorosamente com o fato da devastação que é na mulher - para a maioria delas - a relação com sua mãe, da qual ela parece realmente esperar como mulher mais subsistência que de seu pai - o que não acontece com ele sendo segundo, nessa devastação"³.

Em português traduzimos *ravage* por *estrago* ou *devastação*. Em francês o termo tem, entre outros, o significado de "desgosto profundo" ou ainda "dano", "prejuízo" e até mesmo uma *destruição* causada pelo homem com violência, repentinamente⁴. *Ravage* (devastação) é um termo derivado de *ravir* (arrebatar), que é derivado do latim popular *rapire*, cujo sentido é tomar precipitadamente, tomar à força, sentido que encontramos em *rapto*. O verbo *ravir* (arrebatar) é também um termo da mística, assim como *ravisement* (deslumbramento). Isso quer dizer que se é transportado para o céu, na língua clássica. E, no horizonte do arrebatar, há o êxtase. É um termo onde o valor erotomaniaco está inscrito na própria etimologia.

No Aurélio encontramos que *devastação* é uma ruína proveniente de uma grande desgraça; devastar é tornar deserto; despovoar. Houaiss o toma como equivalente de aniquilamento, destruição completa, assolação.

Lacan busca com esse termo retomar o termo *catástrofe*, usado por Freud⁵. "A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe", nos diz Freud. Se em Lacan lemos *ravage* e em Freud *catástrofe*, ambos se referem aos laços estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, a psicanálise estabeleceu como parte da subjetividade feminina. Portanto, *ravage* (devastação) é um significante encontrado num momento tardio da obra de Lacan, depois que ele elaborou suas fórmulas da sexuação e é o nome que ele dá ao que se localiza antes da relação edipiana da menina com seu pai. Devastação é um dos nomes que Lacan dá ao fracasso da metáfora paterna. Para dar alguma ideia de seu alcance, teremos de fazer um certo percurso do que antecede essa formulação.

Freud e o *Penisneid*

Vamos encontrar inicialmente em Freud uma leitura da relação primitiva da mulher com a mãe abordada por seu conceito de *Penisneid*.

O *Penisneid*, a inveja do pênis, é um termo que já aparece na obra de Freud em 1908, em "Sobre as teorias sexuais das crianças", a inveja sendo ali tomada no sentido de ciúme, experimentado pela menina em relação ao menino que possui o órgão. O termo aparece com o mesmo sentido em "Para introduzir o narcisismo" e em "O tabu da virgindade". A mudança em relação a esse termo surge nos anos 20, a partir da interrogação de Freud sobre os destinos da inveja do pênis na vida psíquica posterior da mulher e sua articulação com a ligação pré-edípica da menina com sua

mãe. Para ele, a "compreensão interna dessa fase primitiva"⁶ "foi uma surpresa", uma revelação trazida por sua clínica, de que a menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis e não lhe perdoa por essa desvantagem. Ele utiliza uma bela metáfora que nos apresenta o elemento trágico que aí se acha soterrado: "(...) tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização grega"⁷. A poderosa ligação da menina com sua mãe termina em ódio.

Há algo que resiste na questão do feminino, segundo Freud. Há uma pré-história à qual não se tem acesso pela linguagem, visto seu caráter de "resto", "manifestações residuais" - pré-história indecifrável, portanto, mas já escrita alguma vez, como uma civilização soterrada por outra. Nessa travessia, da pré-história à história edipiana há um ponto do qual não temos acesso pela memória, que corresponde ao que foi, para o sujeito feminino, sua ligação com a mãe.

Freud diz: "tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises - tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar - que era como se houvesse sucumbido a um recalque especialmente inexorável"⁸. Trata-se de uma falha, e uma falha de onde parte uma demanda.

Se o *Penisneid* corresponde a uma fixação infantil precoce é porque uma parte do gozo do sujeito se encontra implicada nela, gozo que não é prazer, mas decepção que se repete, e que deve ser situada para além do princípio do prazer. Se Freud fala que a inveja e o ciúme desempenham um papel muito maior na vida psíquica das mulheres do que na dos homens, trata-se com essa formulação de cernir um ponto da experiência do sujeito que é da ordem de um impossível de se suportar.

Freud faz a sexualidade feminina derivar da inveja do pênis e observa quatro consequências psíquicas decorrentes dela⁹.

1- A cicatriz, que é a marca do narcisismo feminino. Ela é a marca de fábrica da relação que uma mulher tem com o corpo feminino, que faz da imagem uma forma de suturar essa ferida.

2- O ciúme, que é a marca de fábrica da fantasia "Bate-se numa criança". Nesse texto, ele atribui essa fantasia ao resíduo da fase fálica e nela o sujeito faz uma passagem da relação com a mãe para o pai como objeto de amor.

3- A devastação, a catástrofe, que situa a mãe como responsável pela falta da filha e supostamente, goza disso.

4- A reação contra o onanismo que abre a via para a sexualidade feminina segundo a famosa metonímia dos objetos femininos.

No artigo de 31¹⁰, ele acentua ainda mais o ódio em relação à mãe com diferentes reprovações entre as quais a sedução, explicando a intensidade dessa raiva pela intensidade do amor que a precedia e pela decepção. Para Freud, a devastação está estritamente relacionada ao destino do falo na menina e ele observa que certas mulheres permanecem em sua ligação original com a mãe sem nunca alcançarem uma verdadeira mudança em relação aos homens.

Freud é ainda bastante fino ao observar que essa ligação com a mãe está relacionada à etiologia da histeria, assim como ao germe da paranoia, pois nela encontramos o temor de ser morta ou devorada pela mãe.

Lacan e sua releitura do *Penisneid*

Esses aspectos observados por Freud são retomados de forma detalhada por Lacan em sua abordagem do complexo de Édipo, sobretudo em seu *Seminário 5*, onde ele dedica uma

lição à relação da menina com o falo. A mãe é aqui tomada como o Outro primordial para o sujeito e essa relação vem se substituir na economia de gratificações, de cuidados, de fixações, de agressões e centrar o destino do sujeito em sua dependência primordial com relação ao desejo do Outro. O que Lacan tenta evitar em sua formulação na qual situa a mãe como o Outro primordial do sujeito, é a importância exagerada, dada pelos freudianos, à relação da criança com a mãe que os fizeram situá-la como uma relação dual, às expensas mesmo do Édipo.

O que importa nesse tempo de estruturação da menina "não é um mais ou um menos que tenha ou não tenha sido dado ao sujeito, mas é aquilo pelo qual o sujeito almejou e identificou o desejo do Outro que é o desejo da mãe"¹¹. O que se torna uma questão para o sujeito é se ele foi ou não desejado. A ênfase, portanto, é colocada na dialética do falo com o desejo. Ser ou não desejado é uma das questões em jogo para o sujeito, que busca no desejo da mãe uma medida do lugar que ele procura ocupar diante de seu Outro. Essa dialética não dispensa o pai como terceiro que permitirá à criança, para além da captura imaginária, ser significada. É exatamente porque o sujeito pode significar o que vale no desejo do Outro que ele pode se separar desse objeto a que ele encarnou e encontrar um pouco de liberdade.

Lacan retoma a questão do *Penisneid* distinguindo três modalidades distintas desde a entrada até a saída do complexo de Édipo¹²:

1- No sentido da fantasia, às vezes conservada a vida inteira, de que o clitóris seja um pênis. O sujeito se encontra diante da castração simbólica de um objeto imaginário.

2- O *Penisneid* que intervém quando o desejado é o pênis do pai. O sujeito se encontra diante da frustração que é imaginária, mas se refere a um objeto real.

3- O *Penisneid* como desejo de um filho do pai, de possuir seu pênis sob uma forma simbólica. O sujeito se encontra diante de uma privação real de um objeto simbólico.

O sujeito ou entra na dialética da troca ou guarda esses objetos para além de seu valor de troca. A relação da mãe com a filha continua guardando a vertente da reivindicação fálica e concentrando as demandas de amor, assim como tudo o que se articula no registro da reprovação, da culpabilidade e do ódio.

Esses três tempos do *Penisneid* nos mostram que a menina terá que se desprender da demanda dirigida à mãe e tomar outra direção. Isso ocorre quando ela subjetiva que a mãe não pode lhe dar o que ela pede, porque ela também está afetada pela falta.

Essa decepção faz com que ela oriente sua demanda de falo para o pai, o que a fará entrar no complexo de Édipo. Orientar-se para o pai é a possibilidade para a menina de simbolizar a falta, de transformar a rivalidade imaginária na qual a falta estava incluída em sua relação com a mãe. Não é a mesma coisa se a criança se fixou numa reivindicação fálica dirigida ao pai ou à mãe.

Uma condição para essa orientação em direção ao pai é a relação da mãe com sua satisfação ou insatisfação como mulher. É preciso que a filha se desloque da posição de saturar a falta da mãe. Se a mãe não se divide pela troca fálica, se ela é toda mãe, permanece o objeto único da filha única. A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou ainda, converter-se num dejetivo.

Esta é a posição de devastação para a menina. Ela está ligada à troca fálica impossível, algo da mãe tendo escapado da lei simbólica que faria dela um objeto na estrutura de troca. Se o sujeito entra no registro simbólico da troca, ele tem a possibilidade de metaforizar o desejo da mãe. Quando isso não ocorre, a mãe permanece

numa posição de Outro real, interpretado como Outro do gozo que convoca o sujeito para uma fusão impossível ou para a perseguição.

Devastação: índice da relação com a língua?

A devastação decorre de uma falta que toca o campo da fala e da linguagem. Ela especifica um tipo de emergência singular da linguagem no sujeito. Essa hipótese, levantada por Marie-Hélène Brousse, indica que a devastação toca os confins da marca simbólica, algo muito primordial¹³. Ela a formulou a partir de casos clínicos que acompanhou e nos quais a devastação lhe trazia grandes dificuldades em sua prática clínica no que concernia à transferência.

Marie-Hélène Brousse propõe que essa emergência se faz de três formas distintas: o insulto, a rejeição e o imperativo do silêncio. Ela observou que em todas essas ocorrências, que não implicaram em sujeitos com estruturas semelhantes, a fala do Outro materno estava associada à descoberta de uma experiência de gozo sexual traumática para o sujeito. Esse é um momento de impasse no qual o sujeito se defronta com a falta no Outro, com a castração da mãe. Se ele não pode responder a essa falta de maneira simbólica, fica diante de uma alternativa mortal: ou a rejeição, ou a reintegração do produto pela genitora. O desejo da mãe nesses casos sempre teve, num certo momento da análise, o valor da morte.

Nos casos de devastação nos quais o sujeito não metaforiza a falta, ele permanece no registro da demanda e, portanto, no da metonímia. Se o pai se encontra também submetido aos caprichos da mãe e não opera como agente da privação, é ainda mais difícil para o sujeito sair dessa relação terrível que se repete em suas parcerias.

Já a devastação articulada ao falo empurra o sujeito para uma identificação masculina, que faz contraponto com uma feminilidade impossível de ser suportada.

Lacan avança para além dessa articulação da devastação com o falo quando diz que o gozo feminino tem um aspecto suplementar ao gozo fálico. Assim, como já dissemos, se a metáfora paterna é sempre falha, isso implica no fato de que o desejo da mãe não é inteiramente significantizado. Há na mãe, ao lado do desejo, um gozo feminino desconhecido que faz enigma para o sujeito, e a devastação da qual Lacan fala, diz respeito ao sujeito feminino confrontado ao gozo feminino da mãe.

Para a mulher haveria uma versão de gozo que aponta para um sem limites em sua experiência corporal, para o infinito, já que não há uma exceção que a constitua como categoria universal. A devastação pode, a partir dessa leitura de Lacan do gozo feminino, ser lida como uma dificuldade estrutural própria à inexistência do todo feminino. Como diz Miller, "(...) uma mulher tem sempre um ponto de devastação, que não há relação com a lei que possa poupá-la disso, no mesmo sentido em que Lacan dizia que a verdadeira mulher tem sempre algo de perdida"¹⁴.

Assim, a devastação retornará para o sujeito feminino, quer em sua relação com seu corpo ou com a perda do corpo, quer em suas parcerias amorosas. Ambas manifestações não deixam de ter relação entre si.

Na relação com o corpo, a devastação é retomada no deslumbramento, no *ravissement*, tal como foi mostrado por Miller e Éric Laurent, precisamente nos impasses para se ter um corpo. O deslumbramento nos aponta ao gozo místico apresentado por Lacan em seu *Seminário XX*.

Quanto ao amor, Freud, no citado artigo de 31, já observara que a mulher pode escolher um parceiro "herdeiro do relacionamento dela com a mãe"¹⁵. Miller, em seu texto "Uma repartição sexual"¹⁶, dizia que o amor e a devastação

guardam uma relação estreita, tendo como princípio comum a falta de significante no Outro, o não todo no sentido do sem limite. Se o sintoma é um sofrimento sempre limitado, um sofrimento localizado, a devastação não o é.

Um homem pode então se inscrever como devastação para uma mulher a partir do que se revela para ela como engano do amor. A relação da mulher com o falo é contingente e decorre da certeza do amor que vem fixar a deriva pulsional.

Como diz Lacan em seu seminário sobre o *sinthoma*, se a relação do homem com o outro sexo se faz pela via do *sinthoma*, que se caracteriza pela não equivalência, o viés na mulher é uma aflição pior do que o *sinthoma*, uma devastação mesmo. Miller traduz em seu artigo: é a erotomania, um amor às vezes sem limites ao pior, insaciável, e pouco articulado com o desejo. Se do lado masculino o objeto de amor é fetichizado, do lado feminino temos a erotomania. Miller definiu a devastação como a outra face do amor¹⁷, ou seja, trata-se de um gozo que se substitui à resposta do amor. Ele afirma que "o incondicional da demanda de amor, em seu caráter potencialmente infinito, retorna ao *falasser* feminino, precisamente sob a forma da devastação". Como Lacan fala em "Televisão", "não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens¹⁸".

A perda desse amor pode trazer a irrupção de uma desfalicização do corpo, uma errância, uma despersonalização ou ainda uma ameaça de autodesaparecimento. Tais fenômenos decorrem da estrutura de cada sujeito e, certamente, de sua relação com a linguagem, o simbólico.

O sujeito devastado, fascinado pelo gozo feminino, pode ainda fazer uma escolha homossexual colocando seu

parceiro nessa posição idealizada de mulher admirada, capturada na fusão imaginária.

De qualquer forma a devastação implica em dificuldades do sujeito nas relações de troca, em colocar o corpo na troca amorosa, no relacionamento sexual e na maternidade. Uma mãe deverá se separar dos objetos de seu corpo em sua relação com a filha. Se essa transmissão não ocorre, a devastação será a consequência desse deslumbramento narcísico que busca mais o amor desenfreado do que o desejo.

Podemos então concluir que a devastação tem um lado de reivindicação fálica, ligado ao desejo da mãe, e um lado não todo fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que deriva da dificuldade de simbolizar o gozo feminino. Ela se origina no ponto em que a filha espera uma identificação feminina que sempre se revela impossível. Para o sujeito feminino, é sempre difícil desprender-se dos impasses do gozo, ali onde a deixou o desejo materno.

Ensinamentos do passe e elucidação da devastação

A elaboração de Patricia Bosquin-Caroz¹⁹ de seu percurso de análise nos permite avançar na questão da relação da devastação com as palavras maternas. Ela busca uma análise quando tem um filho e se interroga inicialmente a respeito da relação devastadora com seu parceiro amoroso.

O final de sua análise lhe mostrou que essa devastação ligada a sua relação com o homem escondia uma outra que se articulava com sua mãe e, mais precisamente, a um modo de gozar do inconsciente que provinha de sua mãe.

Ela articula um primeiro tempo no qual ela se identificava de modo devastador ao pai, contra quem ela se debatia. Essa posição de combate se inverte num se bater pelo significante fálico do qual o homem é o portador.

A construção de sua fantasia foi revelando a posição de uma mulher sacrificada e em seguida abandonada à maneira da figura de Cristo. Dessa construção foi possível desnudar a pulsão oral e a extração de um modo de gozar devastador.

A transferência não escapou desses impasses e seu caráter erotomaniaco de demanda incessante de amor foi difícil de ser atravessado. O sujeito havia vindo buscar na análise a fala de amor que poderia temperar a privação feminina e essa erotomania se revelou como o avesso da devastação. E ela pode concluir que buscava preencher o furo no Outro com suas lágrimas, oferecendo-se como objeto perdido e abandonado.

Finalmente, ela pode cernir o encontro traumático com a língua materna. Foi a partir de um sonho que o sujeito pode se deparar com o abandono materno. Nesse sonho, ela devia encontrar sua mãe que havia abandonado sua família, senão, pensava ela, ocorreria um inferno entre seu marido e ela. Ela chama a mãe que lhe responde com um tom que a desatina. Havia um gozo inominável naquela voz.

O trabalho na análise tentava, a partir das lembranças, nomear esse gozo indizível. Ditos da mãe retornaram, nos quais ela dizia que "não havia lugar para ela", a filha, ou ainda que ela era a "Cinderela da família". Esse desejo do Outro marcou o corpo da menina e o sujeito se lembrava dos inúmeros pesadelos nos quais ela caía num buraco sem fundo. Um acontecimento de corpo pode então ser isolado no final da análise: uma vertigem que só então ela percebe que a havia acompanhado desde a infância. Ao mesmo tempo ela era aspirada pelo vazio que a atraía e a fazia romper o fio que a ligava ao homem amado.

O encontro traumático com a desenvoltura materna é o que a leva a fazer do não todo materno uma devastação. O que retorna quando, ao se tornar uma mãe culpada, o ser mulher surge como um enigma. E a leva para a análise.

A devastação, conclui Patrícia Bosquin-Caroz, revelou-se no final de seu percurso analítico, como um dos nomes do gozo feminino impossível de ser dito.

¹ Lessana, M.-M. (2000). *Entre mère et fille: um ravage*. Paris: Ed. Fayard.

² Miller, J.-A. (1999). "Un répartition sexuelle". In *Revue de psychanalyse La Cause freudienne* (40). Paris: ECF.

³ Lacan, J. (1973). "L'étourdit". In *Silicet* (4). Paris: Seuil, p. 21.

⁴ Cf. Bousseyroux, N. (1999). "De l'affliction au ravage: Lol V. Stein". In *Revue de psychanalyse La Cause freudienne* (40). *Op. cit.*, p. 129.

⁵ Freud, S. (1996[1931]). "Sexualidade feminina". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 247.

⁶ Idem. *Ibidem*, p. 234.

⁷ Idem. *Ibidem*.

⁸ Idem. *Ibidem*, p. 234.

⁹ Idem. (1996[1925]). "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. *Op. cit.*

¹⁰ Idem. (1996[1931]). *Op. cit.*

¹¹ Lacan, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 282.

¹² Idem. *Ibidem*, p. 288.

¹³ Brousse, M.-H. "Une difficulté dans l'analyse des femmes". In *Ornicar? Bulletin périodique du Champ freudien* (50). Paris: Champ freudien, p. 98.

¹⁴ Miller, J.-A. (1999). "Un répartition sexuelle". In *Revue de psychanalyse La Cause freudienne* (40). Paris: ECF, p. 129.

¹⁵ Idem. *Ibidem*, p. 265.

¹⁶ Idem. *Ibidem*, p. 5.

¹⁷ Miller, J.-A. (1998). "O osso de uma análise". In *Agente - Revista de psicanálise da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Bahia*. Salvador: EBP, p. 114.

¹⁸ Lacan, J. ([1974]). "Televisión". In *Autres écrits*. Paris: Seuil, p. 74.

¹⁹ Bosquin-Caroz, P. (2011). "La passe et le devenir du ravage amoureux". In *Quarto - Revue de psychanalyse publiée à Bruxelles* (99). Bruxelles: ECF, pp. 16-19.